

A PERFORMATIVIDADE COMO UM ELEMENTO DESTERRITORIALIZADOR NA ENCENAÇÃO CONTEMPORÂNEA

MAFFEI, Paulo. (Paulo Ricardo Maffei de Araujo). A performatividade como elemento desterritorializador na encenação contemporânea. Ouro Preto: UFOP. Instituto de Filosofia, Arte e Cultura; Mestrado em Artes Cênicas; Elvina Maria Caetano Pereira. CAPES; Bolsa de Mestrado. Encenador e Performer.

RESUMO

Este artigo evidencia uma possível cartografia acerca do conceito de encenação, como um território já consolidado na tradição teatral, e suas linhas de fuga, causadas pela presença da performatividade. Neste sentido propõem-se uma investigação das relações estabelecidas entre teatro e performance na encenação contemporânea, sob a luz do operador conceitual “teatro performativo” defendido pela pesquisadora Josette Féral, juntamente com os conceitos de “território, desterritorialização e reterritorialização”, apresentados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a fim de se evidenciar novas formas de composição do enunciado cênico.

Palavras-chave: encenação: contemporaneidade: performatividade: teatralidade

ABSTRACT

This article aims to demonstrate a possible staging concept mapping as a territory already consolidated by the theatrical tradition and its escape lines, caused by the presence of performativity. Our proposal is to investigate the relationship between theater and performance in contemporary staging in the light of the conceptual operator "performative theater" advocated by researcher Josette Feral along with the concepts of "agenciament" and "territory, deterritorialization and reterritorialization," presented by Gilles Deleuze and Félix Guattari, in order to emphasize the presence of new conceptions of "discourse scenic"

Keywords: contemporaneity: performativity: theatricality: staging

Percebemos ao longo de todo o século XX a consolidação do conceito de encenação, assim como uma grande discussão – tanto no âmbito artístico como acadêmico – acerca da encenação com relação ao teatro. Discussões estas que enfatizam a noção de comunicação e construção cênicas como forma de manifestação da arte teatral.

A encenação, pelo menos aquela consciente de si mesma, surgiu quando parecia ser necessário mostrar no palco de que maneira o encenador poderia indicar a forma de ler uma obra dramática, que se tornou muito complexa para ser decifrada de maneira única, por um público homogêneo. A encenação dizia respeito, nessa circunstância, a uma obra literária, e não importa a qual espetáculo visual. Ela surgiu num momento de crise da linguagem e da representação, uma crise como tantas outras que o teatro conheceu. (PAVIS, 2010, p.45)

A noção de encenação, para o teatro, possibilitou a passagem da compreensão deste como algo que se configurava a partir do texto teatral, como o principal meio de comunicação, para a percepção de todos os elementos cênicos como constituintes da construção do discurso cênico. Neste sentido, a ideia de encenação apresenta uma nova forma de conceber o teatro, criando assim uma abertura para a composição cênica lançando novas perspectivas ao público. Roubine ao se referir ao público explicita a mudança de perspectiva deste com relação ao teatro:

Antigamente, eles iam ver (ouvir) uma peça (um texto) e os seus interpretes. Hoje, eles vão ver antes de mais nada uma mise-en-scène, ou seja, um complexo do qual o texto e os interpretes são apenas elementos integrantes. (ROUBINE, 1998, p.42)

Diante destas novas perspectivas, advindas do surgimento da encenação, e passado todos os direcionamentos e contribuições do teatro moderno, nos encontramos diante da chamada pós-modernidade e da cena contemporânea. É a partir desta que nos aparece um primeiro questionamento: O que está em jogo na encenação contemporânea? Ou ainda: Como a encenação contemporânea tem articulado os seus enunciados cênicos?

São vários posicionamentos e apontamentos acerca das possíveis respostas, uma vez que não seja possível uma definição plena para tal indagação. Porém, uma consideração acerca deste questionamento nos parece consistente: o teatro tem estabelecido uma forte relação com a arte da performance e com a performatividade. Segundo Féral:

Entretanto, se há uma arte que se beneficiou das aquisições da performance, é certamente o teatro, dado que ele adotou alguns dos elementos fundadores que abalaram o gênero (transformação do ator em performer, descrição dos acontecimentos da ação cênica em detrimento da representação ou de um jogo de ilusão, espetáculo centrado na imagem e na ação e não mais sobre o texto, apelo à uma receptividade do espectador de natureza essencialmente especular ou aos modos das percepções próprias da tecnologia...). (FÉRAL, 2008, p.198)

Levando em consideração a afirmação de Féral sobre a utilização da performance por parte do teatro, e as questões intrínsecas a esta disciplina, qual seja, a de romper territórios e fronteiras, a priori, considerados distintos, nos parece seguro pensar que novas estruturas se apresentam à ideia de encenação. Antônio Araújo evidencia este pensamento:

O Caráter multidisciplinar, de cruzamentos de diferentes linguagens artísticas, tão axial na performance, é também prática recorrente na encenação atual, que se alia, cada vez mais, às artes plásticas, à dança, à música, e ao cinema. (SILVA, 2008, p. 183)

É justamente neste ponto, em que a encenação tem se contaminado com algumas das características da performance que surge o tema central da abordagem desta comunicação, com o qual propomos desenvolver alguns apontamentos acerca do estudo da encenação e seus desdobramentos na cena contemporânea. O recorte e a problematização desta – e que vem sendo desenvolvido em nossa pesquisa de mestrado – encontra-se na busca de compreender o investimento na performatividade, por parte da encenação contemporânea, como um dos elementos constituintes na formulação dos enunciados cênicos e logo na sua forma de comunicação.

Diante da problematização exposta à cima, utilizamo-nos do operador conceitual intitulado “teatro performativo” apresentado por Josette Féral, no qual a pesquisadora irá fazer importantes considerações acerca da performance, e a forma como esta tem atravessado a linguagem teatral.

De fato, se é evidente que a performance redefiniu os parâmetros permitindo-nos pensar a arte hoje, é evidente também que a prática da performance teve uma incidência radical sobre a prática teatral como um todo. Dessa forma, seria preciso destacar também, mais profundamente, essa filiação que opera uma ruptura epistemológica nos termos e adotar a expressão “teatro performativo”. (FÉRAL, 2008, p.200)

O conceito “teatro performativo”, apresentado por Féral, busca compreender características acerca do teatro contemporâneo. Segundo a pesquisadora muitas questões intrínsecas ao teatro hoje tem uma forte relação com a ideia de performance, pois a forma do teatro dramático – que, em sua estrutura linear dos acontecimentos cênicos visando à apresentação de uma narrativa fabular, contada por meio de personagens bem definidos em seu caráter psicológico – como forma única vem, há algum tempo, se

enfraquecendo na produção teatral contemporânea. Contudo, Féral prefere não apontar o fim do drama, mas sim, abrir questionamentos sobre a estrutura dramática.

O que irá sustentar o estudo de Féral é a ideia de que um espetáculo se configura num jogo de relação e/ou tensão entre teatralidade e performatividade, pois para a pesquisadora a teatralidade é o que permite ao espectador reconhecer, por meio de convenções e referências socioculturais, que está diante de uma ficção, já a performatividade, intrincada com os elementos da performance, tem a intenção de desarticular esses “acordos” prévios, colocando o espectador, mesmo que por instantes, dentro da ação.

Apresentada a noção de teatro performativo, gostaríamos de articulá-la ao conceito de encenação, buscando pensar numa “encenação performativa”. Neste sentido a proposta é a de pensarmos a encenação como um território já consolidado no que compete à pesquisa e a prática teatral contemporâneas, porém entendendo o território tomando de empréstimos a definição de Gilles Deleuze e Félix Guattari:

O território não é primeiro em relação à marca qualitativa, é a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras, elas supõem antes uma expressividade que faz território. É bem nesse sentido que o território e as funções que nele se exercem são produtos da territorialização. (DELEUZE; GUATARI, 1997, V.4, p. 122)

O território tal qual a concepção supracitada circunscreve o campo “do familiar e vinculante”, pois marca as distâncias em relação a outrem. Nos parece interessante pensar a encenação como um território, pois esta se apresenta como um espaço de enunciação, na qual as mais diversas funções são produtos de territorialização. Porém esta noção de território, não é pensada como um espaço fixo, ou seja, há uma complexa movimentação neste espaço. Esta movimentação existente no território é apresentada pelos autores como agenciamento.

O agenciamento “pressupõe, de modo geral, dois eixos: o primeiro, ligado ao conteúdo e à expressão, e o segundo, ao território e a desterritorialização” (SILVA, 2008, p. 198). Sobre o primeiro eixo, Araújo nos apresenta uma relação com a encenação bastante interessante:

Assim o eixo conteúdo/expressão parece traduzir uma possibilidade de composição do território da encenação, como agenciamento, por um lado de atuadores – que se inter-relacionam, se conectam ou se „maquinam” por meio de ações e de afetos – e, por outros, de

enunciados cênicos coletivos. A territorialidade da encenação se funda, ela também, nesta simultaneidade de conteúdo e expressão. (SILVA, 2008, p. 198)

Neste sentido, pensar a encenação neste eixo conteúdo/expressão nos permite compreender quais são as suas marcas territorializadoras, ou seja, de que maneira são articulados os elementos cênicos, assim como as ações cênicas, e por outro lado os enunciados construídos pelo território.

Já o segundo eixo do agenciamento está ligado ao território e sua desterritorialização, suas “linhas de fuga” que fazem com que os enunciados transbordem ao território, escapando a este, e promovendo assim uma desarticulação do mesmo, o que não significa necessariamente abandonar o território.

Mas uma outra questão parece interromper esta primeira, ou cruzá-la, pois em muitos casos uma função agenciada, territorializada, adquire independência suficiente para formar ela própria um novo agenciamento, mais ou menos desterritorializado, em vias de desterritorialização. Não há necessidade de deixar efetivamente o território para entrar nesta via; mas aquilo que há pouco era uma função constituída no agenciamento territorial, torna-se agora o elemento constituinte de um outro agenciamento, o elemento de passagem a um outro agenciamento. (DELEUZE; GUATARI, 1997, V.4, p.133)

Assim nos parece pertinente pensar a performatividade como um elemento desterritorializador na encenação contemporânea, pois ao considerarmos a encenação como um território, no qual são agenciados diversos elementos cênicos que constituem um enunciado, a proposta aqui é a de pensar como a performatividade desterritorializa a encenação interferindo na composição deste enunciado, ou ainda, reterritorializando este a partir deste novo elemento.

Podemos enxergar esta desterritorialização numa passagem do ensaio de Féral, no qual a pesquisadora fala sobre a descrição dos fatos e sobre a ação do performer no espetáculo performativo, e sugere que estas sejam agentes de desconstrução dos códigos da encenação e que portanto:

Essa desconstrução passa por um jogo com os signos que se tornam instáveis, fluidos forçando o olhar do espectador a se adaptar incessantemente, a migrar de uma referência à outra, de um sistema de representação a outro, inscrevendo sempre a cena no lúdico e tentando por aí escapar da representação mimética. O performer instala a ambigüidade de significações, o deslocamento dos códigos,

os deslizos de sentido. Trata-se, portanto, de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem.(FÉRAL, 2008, p.203)

Nos parece evidente considerar aqui a performatividade como um elemento desterritorializador da encenação, pois ao invés de unificar os seus sentidos, como ocorria em outrora, agora a encenação se estilhaça sugerindo inúmeras possibilidades de leitura para o espectador.

Diante desta constatação acerca da relação entre teatro e performance a opção de trazeremos para essa discussão as noções de teatro contemporâneo, apresentados por Josette Féral, as quais ela intitula de “teatro performativo”, nos parece bastante consistente, pois dentro deste a pesquisadora aponta para as noções de teatralidade, tão cara a encenação, como o da performatividade que vêm sendo pensadas como forma de compreensão do teatro contemporâneo

Acrescento que nas, colocações em situação” [mises en situation] que os espetáculos performativos instalam, é a inter-relação, conectando o performer, os objetos e os corpos, que é primordial. O objetivo do performer não é absolutamente o de construir ali signos cujo sentido é definido de uma vez por todas, mas de instalar a ambiguidade das significações, o deslocamento dos códigos, o deslizamento de sentido. (FÉRAL, 2008, p. 205)

Este “deslocamento dos códigos” e o “deslizamento de sentido” podem ser pensados como esta desterritorialização da linguagem cênica, apontada aqui, lançando-a para outras possibilidades estéticas, criando assim uma “linha de fuga” daquilo que até então se pautava pelo conhecido e organizado de maneira semiótica.

Por fim, ao levarmos em consideração que o pós-estruturalismo instaura uma teoria da desconstrução e uma abordagem mais aberta no que diz respeito à diversidade de métodos e que ainda enxerga o significante e o significado como inseparáveis em contraste com o estruturalismo, que afirma a independência e superioridade do significante em relação ao significado, a utilização dos conceitos de Deleuze e Guattari nos permite traçar uma cartografia acerca da encenação contemporânea gerando apontamentos para a leitura e compreensão da mesma de forma não totalizadora, mas sim respeitando toda heterogeneidade de suas produções, assim como as singularidades de seus enunciados cênicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. V.4, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FÉRAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. In: Revista Sala Preta, São Paulo, nº 8, 2008. p. 197-210. Tradução: Lígia Borges.

PAVIS, Patrice. A encenação Contemporânea: origens, tendências, perspectivas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROUBINE, Jean-Jaques. A linguagem da Encenação Teatral. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Antonio C. de Araújo. A encenação no Coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo. 2008.222 f Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo 2008.